

INFLUÊNCIA DAS GREVES SOBRE O DOCENTE NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR SOB A PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Autoria

Andressa Aguiar Araújo

Administração/Universidade Estadual do Ceará

Professor Orientador

Ana Cristina Batista dos Santos

Resumo

RESUMO

O texto apresenta os resultados de uma pesquisa que possui como objetivo compreender a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) docente no contexto de greves em Instituições de Ensino Superior (IES). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados. Para sua operacionalização, utilizou-se uma estrutura de elemento-estímulo e tópicos-guia. Foram entrevistados cinco profissionais docentes; entre eles estavam dois professores gestores e três professores não-gestores. Após a transcrição e imersão nas falas, as mesmas foram categorizadas utilizando-se a técnica da Análise dos Núcleos de Sentido (ANS). Identificaram-se seis temas principais: i) Representações sobre trabalho docente; ii) Representações sobre docente; iii) Dificuldades; iv) [Opiniões sobre] greve; v) Entre sobrecarga psíquica & prazer; vi) Adoecimento. Da análise e discussão das narrativas, conclui-se que o grupo de profissionais entrevistado elabora discursivamente os impactos das greves nas suas vivências profissionais os associando às dificuldades das instituições em que trabalham, às preocupações com os problemas de aprendizado dos alunos, a sobrecarga psíquica e ao adoecimento.

Palavras-chave: Docente. Greve. Psicodinâmica do trabalho.

Ensino, Pesquisa e Capacitação em Administração

**INFLUÊNCIA DAS GREVES SOBRE O TRABALHO DOCENTE NAS
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR SOB A PERSPECTIVA DA
PSICODINÂMICA DO TRABALHO**

RESUMO

O texto apresenta os resultados de uma pesquisa que possui como objetivo compreender a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) docente no contexto de greves em Instituições de Ensino Superior (IES). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados. Para sua operacionalização, utilizou-se uma estrutura de elemento-estímulo e tópicos-guia. Foram entrevistados cinco profissionais docentes; entre eles estavam dois professores gestores e três professores não-gestores. Após a transcrição e imersão nas falas, as mesmas foram categorizadas utilizando-se a técnica da Análise dos Núcleos de Sentido (ANS). Identificaram-se seis temas principais: i) Representações sobre trabalho docente; ii) Representações sobre discente; iii) Dificuldades; iv) [Opiniões sobre] greve; v) Entre sobrecarga psíquica & prazer; vi) Adoecimento. Da análise e discussão das narrativas, conclui-se que o grupo de profissionais entrevistado elabora discursivamente os impactos das greves nas suas vivências profissionais os associando às dificuldades das instituições em que trabalham, às preocupações com os problemas de aprendizado dos alunos, a sobrecarga psíquica e ao adoecimento.

Palavras-chave: Docente. Greve. Psicodinâmica do trabalho.

Introdução

O instituto da greve, por muitas décadas, não era visto como meio de reivindicação válido. A sua prática era condenada, sendo até mesmo prevista como uma conduta criminosa, que atentava a sociedade e a segurança nacional, obstaculizando o crescimento do país através do trabalho. Todavia, com o passar das décadas e das mudanças envolvendo políticas de governo, o fim da ditadura e a promulgação da Constituição em 1988, a greve passou a ser reconhecida como um direito legítimo a ser exercido por aqueles(as) que, em tentativas mais simples, não conseguiram tornar efetivas as garantias que lhes assistiam enquanto trabalhadores.

Os docentes de universidades públicas estão inclusos como servidores públicos, aqueles nos quais as relações de trabalho são regidas por um Estatuto. No tocante à greve envolvendo docentes, universitários ou não, se verificam conflitos. De um lado, os direitos sociais de toda a coletividade atingidos e, de outro, a defesa de interesses de uma classe ou categoria profissional (BRASIL, 1989).

Observa-se que parte da sociedade manifesta indignação ou descontentamento com a atitude dos docentes ao aderirem à greve, o que acaba por pressioná-los a concordarem com as propostas oferecidas pelo Poder Público que, na maioria das vezes, é inferior ao que eles inicialmente almejavam. “A extensão e a profundidade da greve fizeram explodir o quadro até então restrito e em surdina do debate sobre a reforma universitária” (COGGIOLA, 1998, p. 42).

Dessa forma, ocorre que, ao reivindicarem mudanças positivas para o exercício da sua profissão, os docentes buscam solucionar problemas no déficit de recursos materiais, nas condições de trabalho, na intensa evasão das salas de aula e na sobrecarga de suas atividades.

Nesse sentido, uma lente teórica surge como apropriada para esse estudo. Trata-se da Psicodinâmica do Trabalho (PDT), a qual, dentre outros temas, estuda o prazer e sofrimento que os trabalhadores, no caso desse estudo os docentes, vivenciam no exercício de suas funções laborais, envolvendo a prática e as condições do trabalho, bem como suas consequências.

A recorrência de greves nas universidades públicas geram, por vezes, impactos negativos no âmbito psicológico dos docentes. Sobre isso, é importante considerar a perspectiva da PDT de que “o foco de preocupação agora é problematizar o sofrimento gerado na relação homem-trabalho, quando o trabalho é fonte de sofrimento [gerando] possíveis descompensações psicossomáticas” (BUENO; MACÊDO, 2012, p. 308).

Esse estudo possui como problematização a seguinte questão de pesquisa: quais as influências das greves na psicodinâmica do trabalho docente, em instituições de ensino superior?

Dada a importância do docente para o ensino público superior de qualidade e a disseminação nacional das greves nas instituições de ensino superior, o objetivo geral da pesquisa foi compreender a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) docente no contexto de greves em Instituições de Ensino Superior (IES). Os seguintes objetivos específicos nortearam a pesquisa: 1) identificar a percepção dos docentes sobre as greves; 2) caracterizar as vivências docentes no contexto das greves; 3) analisar a percepção e vivências docentes relacionadas às greves sob as lentes da psicodinâmica do trabalho. A pesquisa foi embasada empiricamente e por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas em duas IES de um estado do nordeste brasileiro.

Revisão de Literatura

Esta seção foi construída a partir da leitura de livros e artigos relacionados aos temas que constituem os objetos desta pesquisa: impactos da greve e docente sob a perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho.

Docência

A docência e o ato de ensinar e aprender vem se transformando no decorrer da institucionalização dos métodos de formação profissional, principalmente em atribuição das mudanças no mundo do trabalho, da produção, da cultura e da constante evolução tecnológica que, até hoje, influenciam nas condições de vida e trabalho dos professores (CRUZ; LEMOS, 2005).

Segundo Mancebo (2007), o trabalho docente pode ser caracterizado como flexível e de multifacetado, o qual o volume de procedimentos e obrigações não param mesmo em períodos de greve e férias, o que também acarreta consideráveis transformações na rotina de trabalho, em termos de tempo e intensidade, por meio da utilização de novas tecnologias, por exemplo.

Para o autor, a jornada de trabalho dos docentes é incessante em meio a tantas tarefas, tais como escrever artigos, elaborar projetos, estar constantemente atualizado nas leituras e responder e-mails. Essas atividades se estendem para além das universidades e abrangem os períodos de descanso e lazer do professor. Dessa maneira, o trabalhador ao fim do dia, vai fisicamente para casa, mas sua jornada de trabalho não chega ao fim, principalmente com o avanço de novas tecnologias, o estreito corredor entre a vida pessoal e a profissional é eliminado.

A profissão docente existe há séculos, mas infelizmente ela vem passando por dificuldades, estando atualmente em seu pior momento. O professor era visto como um profissional de extrema importância para a sociedade, sendo também bastante valorizado. Apesar disso, na contemporaneidade, o docente é um profissional que busca e luta pela valorização e reconhecimento social do seu trabalho, que foi diminuindo no decurso do tempo. No que se trata daqueles que ainda persistem na profissão, alguns já apresentam sinais de adoecimento físico ou

psicológico com diagnósticos conhecidos e causas desconhecidas (CRUZ; LEMOS, 2005).

Pode-se perceber, portanto, que o produtivismo acadêmico é consequência da baixa de recursos das universidades públicas. Segundo Bianchetti e Machado (2011), são muitos os riscos relacionados ao produtivismo acadêmico, composto por exigências que se sobressaem umas às outras, de forma utópica, onde “pessoas comuns” não conseguiriam satisfazê-las. São elas: pressão e colesterol, infartos, tendinites, solicitações contraditórias, presença em vários lugares diferentes (por meio da tecnologia) e problemas de memória.

O mal-estar docente é um mal da contemporaneidade, ocasionado pela elevação do número de professores com altos índices de insatisfação, estresse e cansaço emocional (FLEURY; MACEDO, 2012). Revelando-se ser um problema bastante evidente no meio educacional, o qual se relaciona ao ambiente em que o docente está inserido, como por exemplo, o esgotamento físico, violência nas salas de aula, precarização nas condições de trabalho e carências de recursos materiais (ARAÚJO; SENA; VIANA; ARAÚJO, 2005).

Portanto, há o aumento da pressão no trabalho docente, o que ocasionou a amplitude das atividades e das responsabilidades sem o suporte necessário para o docente adaptar-se a essas mudanças, desse modo favorecendo ao desenvolvimento de doenças, bem como o esgotamento psíquico do professor (ARAÚJO; SENA; VIANA; ARAÚJO, 2005).

Greve

As discussões envolvendo o tema greve no setor da educação em outros países acabam resultando em diferentes opiniões e problemáticas. Um exemplo disso são os locais como a Alemanha, Espanha e Portugal, que não permitem as greves de forma legal. Outro exemplo, também, é nos Estados Unidos, em que somente 13 estados não possuem restrições legais ao direito de greve dos docentes (ANNEGUES; PORTO; FIGUEIREDO, 2017).

Nos últimos anos a greve vem sendo um meio recorrente para a reivindicação de professores e alunos em busca de melhores condições de trabalho e ensino. O direito de greve é garantido ao docente por meio da Lei n.º 7.783, de 28 de junho de 1989, a qual dispõe em seu artigo 1º: “É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender”. Essas constantes reivindicações por parte dos professores se justificam por meio das dificuldades encontradas no âmbito público (ANNEGUES; PORTO; FIGUEIREDO, 2017).

Neste caso, é percebido que os baixos salários e a precarização do ambiente de trabalho, reforçam a indignação do profissional. Tais aspectos ocasionam movimentos grevistas como forma de questionar e obter atenção da sociedade, além de pressionar as autoridades responsáveis. Apesar disso, as paralizações podem acarretar também deficiência no processo de ensino e aprendizado nas universidades, por meio da falta de professores e o abandono da infraestrutura das instituições. (ANNEGUES; PORTO; FIGUEIREDO, 2017).

Santos (2011) afirma que lutar pela democratização da universidade é também uma forma de lutar por sua autonomia e garantia, pelo Estado, de verbas capazes de assegurar a inseparabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Diante deste cenário que as universidades vêm vivenciando constantemente nos últimos anos, Silva, Brito e Schuetz (2015), justificam essas vivências pela

defasagem salarial, carência de professores, falta de recursos financeiros, problemas com serviços, biblioteca e as precárias condições de trabalho em que os docentes e discentes são obrigados a conviver.

Psicodinâmica do trabalho

A psicodinâmica é um estudo de pesquisa e ação referentes ao trabalho, uma forma de realizar análise crítica e restauração da organização do trabalho que é, indubitavelmente, o gerador de sofrimento, de acordo com os aspectos da pós-modernidade, da aglomeração flexível do capital e de suas implicações para o mundo do trabalho. Por meio da abordagem científica, é possível explicar os efeitos do trabalho sobre os processos de subjetivação, as patologias sociopsíquicas e a saúde dos trabalhadores (MENDES, 2007).

A princípio, o sofrimento no trabalho se manifesta no momento em que a relação do trabalhador com a organização do trabalho é bloqueada em razão das dificuldades de negociação das inúmeras forças que envolvem o desejo da produção e o desejo do trabalho (MENDES, 2007).

Dejours fala que é o sofrimento que ocasiona o trabalho. Ele afirma que “o sofrimento psíquico, longe de ser epifenômeno, é o próprio instrumento para obtenção do trabalho. O trabalho não causa o sofrimento, é o sofrimento que produz o trabalho” (DEJOURS, 1992, p. 103).

O prazer está diretamente associado à satisfação das necessidades representadas em um nível elevado pelo sujeito, se tornando, de tal maneira, uma expressão ocasional, tendo como opção as contrariedades impostas pela civilização (MENDES, 1995).

O trabalho pode ser um risco para o aparelho psíquico no momento em que ele resiste à sua livre atividade. O bem estar relacionado à carga psíquica não resulta só da ausência de funcionamento, mas sim, também, de um livre funcionamento, articulado dialeticamente com o assunto da tarefa, definido na própria tarefa e por ela fortalecido. Na situação econômica, o prazer do trabalhador decorre da descarga de energia psíquica, a qual a tarefa aprova o que equivale a uma redução da carga psíquica do trabalho (DEJOURS, 1994).

Os sujeitos lidam de diferentes formas com as dificuldades das situações de trabalho e alcançam este trabalho com sua história e vida pessoal. Apesar disso, os problemas, nessa conjuntura, surgem de relações conflituosas. Por um lado, é notada a pessoa e sua necessidade de prazer; do outro, é percebida a organização, que tenciona a instituição de uma autonomia e a adaptação do trabalhador a um modelo definido (MENDES, 1995; DEJOURS, 1992).

Metodologia

A presente pesquisa se constituiu a partir de uma perspectiva qualitativa e exploratória. Para Minayo (2002), o estudo qualitativo investiga o mundo dos significados das ações e relações humanas. A abordagem qualitativa foi utilizada tanto nas técnicas de coleta, quanto nas técnicas de análise das informações coletadas no campo.

Mendes (2007) considera importante saber como acontece a transformação do sujeito pelo trabalho, e como se dá a mobilização do sujeito para se engajar no trabalho, mas para isso acontecer é importante trazer as contradições do relato do sujeito para tornar o discurso mais claro. Para tal objetivo, foram realizadas cinco entrevistas com docentes de duas instituições de ensino, e entrevistados o total de cinco professores.

Para o tratamento dos dados coletados, recorreu-se à técnica de Análise dos Núcleos de Sentido – ANS desenvolvida por Mendes (2007). Tal método constitui-se na segmentação do texto/entrevista em tópicos/unidades, em núcleo de sentido estruturado a partir dos temas psicológicos sobressalentes do discurso. Além disso, é uma técnica de análise de textos produzidos pela comunicação oral e/ou escrita. Dessa forma, é relevante expor, também, a utilização do método na construção da revisão de literatura.

Inicialmente, na entrevista, foram realizadas perguntas iniciais e introdutórias sobre o tema. Além disso, durante a conversa foi utilizado um elemento-estímulo. Tal técnica é utilizada para incentivar, impulsionar e orientar a fala. Diante disso, possibilita ao entrevistado autonomia na fala, possibilitando ao pesquisador absorver uma maior diversidade de assuntos. Caracteriza-se como “algo” (palavra, frase afirmativa, preposição) que se mostra como forma de estímulo, podendo ser consideravelmente amplo, e igualmente focalizado, servindo de eixo para entrevista (MOREIRA, 2002). O referido elemento-estímulo utilizado na entrevista foi à expressão GREVE NA UNIVERSIDADE, em letras grandes, ao estilo cartaz diante do entrevistado. Entretanto, antes desse ato, os entrevistados eram informados que ocorreria a disposição das palavras e que ele seria livre para falar e pensar o que quisesse sobre a expressão.

Após a revelação do elemento-estímulo, foi dada continuação ao roteiro de entrevista. O roteiro semiestruturado agiu como um norte para que a entrevista fluísse de acordo com os objetivos iniciais da pesquisa, e dando seguimento ao elemento-estímulo aplicado com perguntas, provocações e diálogos, buscando *link's* no dialogo a respeito dos objetos da pesquisa.

Dessa forma, posteriormente à primeira entrevista, quando analisada pelas autoras, foi decidido fazer alguns ajustes no roteiro da entrevista para melhor se adaptar ao objetivo da pesquisa. A pesquisa de campo resultou em aproximadamente 147 minutos de gravação. Na sequência foi realizada transcrição das entrevistas e em seguida o fichamento, onde foram selecionados os pontos mais importantes das entrevistas. Com a conclusão do fichamento, foi utilizado a técnica ANS (Análise de Núcleo de Sentido), onde a transcrição é categorizada e identificada o núcleo de sentido do trecho. Tal ato é importante para que possa ser identificado o resultado da presente pesquisa. Por fim, com os núcleos de sentido devidamente identificação os temas, foram nominados pela recorrência dos núcleos de sentido existentes.

Análise e Discussão dos Resultados

A investigação realizada inferiu determinados fatores que, na maioria dos casos, interfere no pleno exercício da docência, por compor elementos além do ambiente de sala de aula, incluindo: deveres acadêmicos; qualificação profissional externa, que cada vez mais se torna essencial para a sobrevivência no meio docente; cumprimento de prazos; participação em eventos científicos. Dessa forma, a greve surge como forma de busca pela efetivação de melhores condições de trabalho.

Representações sobre trabalho docente

O trabalho docente, atualmente, não se restringe apenas às atividades dentro de sala de aula. O professor contemporâneo foi se moldando ao processo de mercantilização que vem sendo exigido aos docentes para que a universidade consiga mais financiamentos e investimentos (MANCEBO, 2007). Os professores

possuem um papel importante no processo social e produtivo. Desempenham atividades de auxílio interpessoal e de dedicação no processo de aprendizagem dos alunos (CRUZ; LEMOS, 2005). Para a professora A1, a docência não é somente o processo de ensinar, e ministrar conteúdo, mas é um grande desafio, pois é importante que o docente consiga motivar e despertar o interesse do aluno em aprender.

A1: “Na verdade, a docência não é somente ensinar, não é somente trabalhar uma disciplina, uma temática teórica. O grande desafio da docência é motivar, é incentivar, é despertar no aluno, essa capacidade não só de aprender, mas a capacidade de buscar informação, de discutir, de conectar o mundo real com a prática, é ver a possibilidade de crescimento dentro da aprendizagem que tá adquirindo.”.

André (2015) fala que os professores possuem importância social e política. Outro importante fator é a satisfação do trabalhador docente, pois a satisfação do profissional estimula o entusiasmo e o comprometimento, o que favorece a dedicação de mais tempo eficiência para melhorar o aprendizado do aluno. A professora A5 acredita na responsabilidade do professor em reproduzir no aluno a humanidade.

A5: “Tarefa política e social. O trabalho do professor é tentar reproduzir no sujeito a humanidade como uma forma de reivindicação, conclamação, reinventar o sujeito já que será reproduzido.”.

Os profissionais caracterizam a docência como um desafio em busca de melhorar a compreensão e motivação do aluno. Relatam também a grande responsabilidade que é a profissão.

A1: “Desafiante, porque, na verdade, a docência não é somente ensinar, não é somente trabalhar uma disciplina, uma temática teórica. O grande desafio da docência é motivar, é incentivar, é despertar no aluno, essa capacidade não só de aprender, mas a capacidade de buscar informação, de discutir, de conectar o mundo real com a prática, é ver a possibilidade de crescimento dentro da aprendizagem que tá adquirindo.”.

A2: “Fiquei muito tempo nas disciplinas de estágio, mas esse semestre eu saí para pegar o grupo no nosso currículo, porque eu queria pegar esse desafio também. E o trabalho docente, para mim, sempre foi esse busca incessante, eu sabia que só o conhecimento da disciplina não me dava competência para eu ensinar.”.

Representações Sobre Discente

Para as professoras A1 e A2, os alunos sofrem grandes perdas por causa greve. Muitos acabam perdendo oportunidades de trabalho, tendo prejuízo na qualidade do ensino, além das perdas para instituição.

A1: “Pronto, um exemplo: o aluno quando a greve retorna, ela finda, até os alunos serem comunicados, até toda a universidade voltar ao normal, ainda tem o prejuízo pós-greve né, na verdade a normalidade só acontece... O prejuízo de tentar recuperar um semestre interrompido pela metade e recuperar o andamento das aulas na normalidade, isso leva tempo, então, nós não temos só o prejuízo do período de greve, existe o prejuízo também pós-greve, tem aluno que ainda está voltando para a universidade depois de um mês de greve.”

A1: “Diante ai do como foi conduzido esse modelo dentro da administração superior da própria universidade, e foi terrível para os alunos porque os alunos perderam ai um semestre, que o tempo não volta atrás né...”

A2: “Eu vejo que a aprendizagem dos meus alunos tem que ser significativa. Eu não posso estar em sala de aula passando um conteúdo que eu sei que eles não vão assimilar tudo.”

A2: “Vejo que a greve é uma necessidade, mas ela gera muito prejuízo, como: transferência de alunos; não prestar vestibular para a Alfa porque já sabe que pode ter greve e vai demorar mais na formação; etc. Nós temos uma evasão muito grande por conta das greves, por isso que é uma parte negativa, mas eu não vejo outra forma, atualmente, que não seja essa resistência cotidiana. Acho que no extremo é decidir ir para a greve.”

As greves apresentam pontos negativos e positivos. São importantes para que os trabalhadores possam garantir e reivindicar os seus direitos que são obstruídos pelo governo, assim como os negativos, que inviabiliza a continuidade dos estudos a muitos estudantes que não dispõem do hábito de estudar a partir do próprio estímulo (SILVA; BRITO; SCHUETZ, 2015).

Annegues, Porto Júnior e Figueiredo (2017), afirmam que os professores acabam possuindo a mesma função dos pais, que é obter a maximização do desempenho dos alunos. Entretanto, percebem que uma maior obtenção de insumos educacionais são necessários à função de produção educacional. Da mesma forma que existe a realização por parte do docente proveniente do retorno dos alunos, e da expectativa de contribuir na formação discente, existe também a frustração provenientes das condições de trabalho encontradas na instituição (FREITAS, 2015). Os docentes A3 e A4 relatam nas falas a seguir, o prazer que sentem ao lecionar, e como por meio do magistério e do aprendizado do discente, sentem prazer no ambiente de trabalho.

A3: “Uma atividade que, particularmente, tenho uma satisfação muito grande. Primeiro, pelo contato que você tem com os jovens alunos. Eu costumo dizer que é a minha inspiração esse contato cotidiano com os alunos.”

A3: “É algo que gera muita satisfação, é algo que te leva a um sentimento de realização muito grande, não existe nada melhor do que você terminar uma aula, seja na graduação como na pós-graduação, e você sentir, na atitude dos alunos, na expressão daquilo que eles dizem, que estão satisfeitos com o que foram capazes de receber, que aquele conhecimento e informação que você discutiu será de grande utilidade para eles”

A4: “Bom, eu gosto muito de lecionar”.

Segundo Marqueze e Moreno (2009), os docentes podem sofrer psicologicamente por não darem atenção suficiente aso seus alunos, mas também por podem sofrer por dar atenção demais, o que se torna um sentimento de culpa.

Diante disso, é possível perceber, como os alunos possuem influencia na forma como os professores percebem a greve. A necessidade dos docentes em melhorar o desempenho dos alunos e proporcionar um melhor aprendizado, afeta no cotidiano do corpo docente.

Dificuldade

Juntamente ao processo de precarização do trabalho docente, vem ocorrendo paralelamente a desvalorização e depreciação da atividade docente. Uma das

causas desse desprestígio são os baixos investimentos na educação superior, tanto no ponto de vista dos ambientes provenientes do trabalho, da remuneração, ou até do reconhecimento social do próprio trabalho. Resultando dessa forma no aumento dos efeitos do desgaste físico e psicológico, absenteísmo e abandono de profissão (LEMOS; CRUZ, 2005).

Infelizmente, tais dificuldades encontradas nas universidades são corriqueiras, impossibilitando um bom trabalho docente. Mais uma vez, a o sujeito A2 relata uma situação em que a atual situação de abandono da instituição dificultou a execução do seu trabalho.

A2: “a docência como a nossa vida ela ficando mais complexa, a gente tem que dar conta de uma formação que nem sempre é institucionalizada na Alfa ainda não é. A gente tem que dá conta de um cotidiano, de uma infraestrutura que as vezes não dá, por exemplo, eu estava em casa quinta feira preparei minha aula, reservei uma semana antes o data show, cheguei aqui o data show estava sem cabo, então o meu planejamento de meio não foi feito, eu disse: “ não tem problema”, coloquei algumas coisas no quadro e fui desenvolvendo, mas tem problemas infra estruturais, a sala que não comporta todo mundo, que problema de acústica.”

A2: “Se quisermos trazer qualquer coisa, temos que pagar, seja pincel, cartolina... Então, é também uma dificuldade isso”.

Esse tipo de situação acaba desmotivando o profissional, já que a aula pretendida e planejada, não foi realizada por falta de recursos.

A dificuldade na atividade docente já está introduzida no cotidiano do profissional, pois a falta de recursos e de uma boa administração no ambiente de trabalho já é rotineira nas IES. Os docentes A3 e A5 expõem algumas das dificuldades encontradas.

A3: “É raro encontrar no Brasil uma universidade pública que não tenha essa ambientação, e isso dificulta dar aula na sala de aula, em que faz muito calor, inclusive, E quando chove, as janelas estão quebradas e você não pode fechar”.

A3: “Onde o quadro negro, ou quadro branco ou azul...antes você não tem condições de você poder escrever um texto com caneta anatômica e não tem como apagar”

A5: “Então, a grande dificuldade é a miséria material, e na miséria humana produzida por essa miséria material, e como a educação é um dos complexos sociais muito fortes no sistema, e ela reproduz o sistema de uma maneira geral, qualquer que fosse ele.”.

Mesmo convivendo com essa situação diariamente o profissional não deixa de se sentir prejudicado e incomodado diante dessa situação.

[Opiniões sobre] greve

A partir da pesquisa, foi possível perceber o quanto a greve atinge de diferentes formas o docente. Segundo Silva, Brito e Schuetz (2015), a greve pode ser considerada um estorvo para alguns, entretanto, é um meio essencial para conquistar e melhorar os descasos existentes para um ensino superior público satisfatório e de qualidade. Pondo em perspectiva os relatos formados durante a entrevista, foi possível perceber a discordância dos docentes A3, A4 e A1 na decisão de greve:

A3: “Eu nunca faço greve. Não porque eu discorde da greve, mas, simplesmente, porque a forma como as greves são

deflagradas, principalmente aqui na Alfa, seguem um ritual com qual não concordo.”.

A4: “Eu participei da greve porque ela é na coletividade, então, assim, se a categoria adere à greve, então eu faço parte da categoria. Porém, se me perguntarem se eu vou fazer greve hoje, eu não quero, está muito difícil.”.

A1: “Eu, na verdade, como membro da universidade, não posso estar dissociado dos interesses do colegiado do sindicato, infelizmente; aliás, infelizmente não! Nós somos conduzidos pelo uma organização trabalhista. Eu, na verdade, sou forçada a aderir, mesmo não acreditando que seja a melhor forma de se negociar os direitos que estão solicitando.”.

Em meio a esse impasse existente de opiniões entre os professores, eles acabam formando dois grupos, os que concordam com a greve, e os que discordam da abordagem e reivindicações de algumas greves.

A3: “Não sou contra a greve, porque é um direito legítimo e inalienável do trabalhador, mas não tem tido minha concordância, tanto que nunca fiz greve na universidade.”.

A5: “Greve na universidade é urgente e necessária por tudo isso que estamos vivendo.”.

A1: “Isso cria hoje... É uma das problemáticas... Eu acredito que é o que tem causado a grande problemática do desinteresse do aluno e dos professores de administração da universidade, eu acho que as temáticas políticas, os direitos sem desvalorizar os direitos trabalhistas devem ser trabalhados de outra forma, não conduzidas por meio de greve.”.

Apesar disso, mesmo os que concordam com a abordagem da greve, sentem impactos e perdas com o movimento.

A4: “Bom, não é nada produtivo, porque foi uma greve que ficamos parados e não teve, realmente, o que nós estávamos esperando. Então acabou sendo improdutivo.”.

A5: “Na verdade, vamos para as greves porque não temos outra opção.”.

A3: “É claro que quem está na greve se desgasta, e temos que repor depois o trabalho. Não é um trabalho que passa e que você fica livre, quem está na gestão tem que vir do mesmo jeito assinar os processos e estar na rua se quiser fazer parte do movimento”.

Diante disso, é possível perceber a frustração dos profissionais, pois não se sentem representados na decisão de aderir à greve:

A5: “Na verdade, vamos para as greves porque não temos outra opção.”.

Na contemporaneidade, a frequência com que os professores e alunos vivenciam experiências de insatisfação é constante, pois as paralizações acabam prejudicando e interrompendo as aulas, e muitas vezes dificultam a relação com o ensino-aprendizagem (SILVA; BRITO; SCHUETZ, 2015). A insatisfação relacionada ao próprio significado da tarefa produz um sofrimento em que o ponto de impacto é, primordialmente, mental, em objeção ao sofrimento resultante do objeto ergonômico da tarefa. (DEJOURS, 1992).

Entre Sobrecarga Psíquica & Prazer

Os docentes relatam a dificuldade de conviver com a pressão e a frustração ao não conseguir realizar e efetuar todas as atividades desejadas para o cargo.

A3: “Essa é uma pressão difícil de conviver, pois a iniciação científica é algo que deriva da sua capacidade de criação, e isso depende muito da qualidade e quantidade de alunos que você orienta. Em muitas situações você não consegue atingir essa cota de produção por uma série de fatores que você não exerce o controle.”

A3: “Então, essa é uma pressão muito grande que incide em qualquer professor. Pertence ao quadro efetivo dos programas de pós-graduação.”

Na modernidade, os professores são alvos de constante pressão. O trabalho docente é uma atividade que vem se intensificando gradualmente. Os professores possuem jornadas de trabalho bastante diversificadas, são elas: o ensino (aulas e orientações de alunos); a pesquisa e a elaboração de relatórios, artigos etc.; incumbências administrativas (coordenações, comissões, representações etc.); acesso e resposta a *e-mails*; reuniões etc. Infelizmente, ao considerar todas as atividades referidas anteriormente, os professores normalmente levam em consideração como produção somente as publicações realizadas, entre todos os afazeres (FREITAS, 2015).

Os docentes descrevem situações em que não conseguiram administrar o tempo trabalho/família. O profissional acaba se frustrando nas duas situações, pois com o excesso de afazeres o trabalho é constantemente uma preocupação para o docente, não permitindo o aproveitamento total com a família.

A2: “Teve um dia que cheguei aqui tão estressada para começar a aula, que eu encontrei duas professoras ali no rapaz da tapioca e que elas disseram assim “ o que é que tu tem? Para um pouquinho, respira, porque...”, eu disse “ não, não, eu tenho que ir pra aula, oi, oi, tudo bom, num sei o que...”, não tinha tomado café da manhã, não tinha conseguido descansar direito a noite que amamentava, tinha deixado meu filho morrendo de pena na creche, 7 horas da manhã, ele era o primeiro a chegar em creche, não tinha conseguido chegar aqui 7:30, estava chegando 15 para 8, que é uma coisa que eu não gosto, que é não ser pontual, e assim, naquele momento se eu pudesse sentar e chorar, eu tinha feito, eu só disse assim “ gente eu não aguento mais isso, eu não aguento mais”, porque é algo que não para, é um trabalho que não para ne.”

A2: “..., porque um compromisso ne, então assim, é uma série de coisas, e a casa bagunçada e tendo que fazer o almoço e tendo que fazer um lanche pro filho, e tendo que dar os remédios, e ao mesmo tempo responder essas demandas.”

Para Lemos (2011), a pressão organizacional que ocasiona o sofrimento psíquico impede que ele seja liberado por meio da ansiedade, cansaço, ou qualquer outro sintoma de natureza mental, mas apenas físico, que é mais admissível. O autor acredita que ao retirar a pressão, o sofrimento desaparecerá. Podemos perceber os aspectos falados por Lemos nos trechos a seguir, pois o docente declara a utilização do mecanismo de defesa como forma de sobrevivência no meio docente.

A3: “Então, a grande você ter equilíbrio psicológico, para poder saber entender essas questões e esses questionamentos, que a gente faz para nós próprios, é saber equilibrar isso. O importante é que você tenha sempre a consciência de que tá procurando e tentando fazer o melhor, às vezes faz, às vezes não.”

A3: “O mecanismo de defesa ai é o seguinte é você considerar normal a atividade docente no período em a universidade tava de greve, e que professores e alunos do curso de administração concordaram continuar cumprindo o calendário letivo, então é um mecanismo de defesa de considerar a normalidade é... de uma situação, embora adversa, mas para nós, do curso de administração, não era...”

A docente A2 também expressa sua forma de combater o sofrimento psíquico existente na profissão.

A2: “Afeta, e temos que ter muito equilíbrio para que não afete, e esse equilíbrio as vezes demanda ajuda. Vejo várias pessoas, outros colegas que participam do conselho federal, tem que viajar todo final de semana à Brasília ou outro lugar, dai tem filho, marido... Enfim, é uma dinâmica que é complicada.”

Nessa situação, passaria pelas ideologias defensivas, onde o sujeito terminaria confundindo seus próprios desejos com a obrigação organizacional que tomaria lugar do seu livre arbítrio. De tal maneira, o sujeito acabaria tolerando tudo e sumindo com seus próprios interesses (LEMOS, 2011).

Diante do exposto foi possível perceber nas falas que os professores mesmo com as dificuldades e pressões que vivenciam diariamente no ambiente de trabalho, acabam desenvolvendo mecanismos de defesa à frente de tais eventos, gerando dessa forma um equilíbrio entre o trabalho e prazer, desenvolvendo em alguns momentos o sentimento de satisfação.

Adoecimento

Os entrevistados A2, A3 e A5 começam a revelar o adoecimento já comum na profissão. Além disso, é revelada importância secundária dada ao adoecimento, ponto a profissão em primeira instância. Também são relatadas doenças já “famosas” dentro âmbito acadêmico, como a *Síndrome Bournout* e o *Stress* recorrente da profissão.

A2: “Eu vejo que o adoecimento docente está cada vez mais presente, tem professores com síndrome do pânico, já teve professores que se operaram de câncer, teve professor que teve infarto dentro de sala de aula... Eu, particularmente, que comecei a olhar para a minha saúde agora.”

A5: É muito difícil falar de saúde para o trabalhador quando a gente tem a eminência de aprovação de uma reforma trabalhista que vai fazer com que o trabalhador não se aposente mais. O professor adoce muito, a Síndrome de Burnout é uma realidade em nossa profissão.)

A5: “Meu envolvimento é orgânico, quando eu me joga nas coisas, ou eu entro pra fazer alguma coisa, ou não entro. Então se for pra chegar ao limite até adoecer, eu vou.”

A conjuntura atual de trabalho ao qual o professor universitário está inserido se estabelece como aspecto que pode contribuir para o seu adoecimento psíquico. Nessa condição, o mal estar na IES (Instituição de Ensino Superior) se associa aos mal estares existentes da contemporaneidade. Tais questões estão correlacionadas aos desvios da matriz identitária da sociedade contemporânea, esse tipo de adoecimento psíquico possui traços de desamparo, falta de referências, e também é chamado de clínica do vazio. Possuem como principais doenças a bulimia, pânico, depressão e anorexia. (FLEURY; MACÊDO, 2012)

O processo saúde-doença pode ser constituído no trabalho. O trabalho nos proporciona possibilidades diferentes de consumo, satisfação, adoecimento e morte. Podemos perceber que por um lado é um local de reafirmação da autoestima, desenvolvimento de habilidades, de expressão das emoções, o que abrange a constituição da história individual e de identidade social. Já por outro lado, o ambiente de trabalho também pode viabilizar “enfermidades ocupacionais”, que comprometem a saúde física e mental. (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

Conclusão

A atual pesquisa se deve ao objeto anteriormente definido como norteador para melhor compreender a influência das greves nas instituições públicas de ensino superior sobre o docente, sob as lentes da psicodinâmica do trabalho. Possui também como objetivos específicos: i) Identificar a percepção dos docentes sobre as greves; ii) Caracterizar as vivências docentes relacionadas às greves; iii) Analisar a percepção e vivências docentes relacionadas às greves sob as lentes da psicodinâmica do trabalho. Os referidos objetivos foram efetivados após a aplicação do método ANS, sendo gerados os seguintes temas: i) Representações sobre trabalho docente; ii) Representações sobre discente; iii) Dificuldades; iv) [Opiniões sobre] greve; v) Entre sobrecarga psíquica & prazer; vi) Adoecimento; que se relacionaram aos objetos de pesquisa.

Da análise e discussão das narrativas, conclui-se que o grupo de profissionais entrevistados elaboram discursivamente os impactos da greve nas suas vivências profissionais, os associando às dificuldades das instituições em que trabalham, às preocupações com os problemas de aprendizado dos alunos, à sobrecarga psíquica e ao adoecimento.

Felizmente, a ida ao campo permitiu acesso a um vasto leque de assuntos, mostrando-se uma permanente construção. Os dados encontrados na presente pesquisa revelaram uma situação bastante complexa vivenciada no ambiente de trabalho do professor, pois os entrevistados, ao serem questionados sobre o movimento grevista, acabaram discorrendo sobre todo um contexto vivido em seu ambiente de trabalho, em que as dimensões da psicodinâmica, como a questão do sofrimento, emergiram durante a pesquisa, não só relacionados ao momento de greve, mas a toda a conjuntura do trabalho docente, o que pode ser a causa das greves existirem, reafirmando o fato em que o assunto greve acaba se tornando uma provocação para os professores, pois a partir da vida cotidiana do professor na universidade e na forma como a PDT tem se manifestado no decorrer da pesquisa a greve é uma consequência não declarada dessa psicodinâmica, com base no princípio em que o referido objeto é algo subjetivo.

Referências

ANDRÉ, M. Políticas de valorização do trabalho docente no Brasil: algumas questões. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 23, n. 86, p. 213-230, 2015.

ANNEGUES, A. C.; PORTO JÚNIOR, S.; FIGUEIREDO, E. O Impacto das Greves dos Professores Universitários Sobre o Desempenho dos Alunos da UFPB. XXII Encontro Regional de Economia, p. 01-12. 2007.

ARAÚJO, T. M.; SENA, I. P.; VIANA, M.A.; ARAÚJO, E.M. Mal-Estar Docente: Avaliação de Condições de Trabalho e Saúde Em Uma Instituição de Ensino Superior. Revista Baiana de Saúde Pública, Salvador, v. 29, n.1, p.6-21. 2005.

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**. Decreto-Lei nº 7.783, de 28.jun.1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7783.htm. Acesso em: 15.jun.2017.

COGGIOLA, O. A Crise Universitária no Brasil. Revista Adusp, São Paulo, p. 34- 42, set. 1998.

BUENO, M.; MACÊDO, K. B. A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. In: Estudos Contemporâneos da Subjetividade.Vol. 2, nº 2, p. 306-318, 2012.

CRUZ, R. M.; LEMOS, C. J. Atividade Docente, Condições de Trabalho e Processo de Saúde. Motrivivência Ano XVII, nº 24, p. 59-80, 2005.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. Cortez Editora, São Paulo: 1992.

FLEURY, A. R. D.; MACÊDO, K. B. O Mal Estar Docente Para Além da Modernidade: Uma Análise Psicodinâmica. Revista AMAzônia, LAPESAM/ GMPEPPE/ UFAM/ CNPq/ EDUA, ano 5, vol. IX, nº 2, p. 217-238, jul-dez. 2012.

FREITAS, N. Q. Adoecimento Relacionado ao Trabalho de Docentes Universitários da Área da Saúde. Santa Maria, 2015.

LIMA, M. F. E. M.; LIMA-FILHO, D. O. Condições de Trabalho e Saúde do/a Professor/a universitário/a. Ciências & Cognição. Campo Grande, v. 14, p. 62-82, 30 de nov. de 2009.

MACHADO, A. M. N.; BIANCHELTTI, L. (Des)Fetichização do Produtivismo Acadêmico: Desafios Para o Trabalhador-Pesquisador. RAE, São Paulo, v.51, p. 244-254, maio/jun. 2011.

MANCIBO, D. Trabalho Docente: Subjetividade, Sobreimplicação E Prazer. Psicologia: Reflexão e Crítica, Rio de Janeiro, 20 (1), p. 74-80. 2007.

MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Satisfação no Trabalho e Capacidade para Trabalho entre Docentes Universitários. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 1, p. 75-82, 2009.

MENDES, A. M. Aspectos Psicodinâmicos da Relação Homem-Trabalho: as contribuições de C. Dejours. Psicologia Ciência e Profissão, p.34-38, 1995.

MENDES, A. M. Psicodinâmica do trabalho: Teoria, Método e Pesquisa. Casa Psi Livraria, Edito e Gráfica Ltda. São Paulo, 2007.

MINAYO, M.C. S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Editora Vozes, Petrópolis: 2002.

SILVA, C. R. A.; BRITO, M. P. S.; SHUETZ, P. P. Greve nas Universidades do Estado do Ceará. 14º Congresso de História da Educação no Ceará (História de mulheres: Amor, Educação e Violência). 14º edição, p. 01-10. 2015.

SILVA, W. M. S.; LEMOS, D. D. Educar por amor. A cobertura do tema educação em dois atos: greve de professores do Ceará em 2011 e a gestão do ministro da educação Cid Gomes. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005.